

António M.F. de Sena

**MEMÓRIAS PAROQUIAIS DE
AMIEIRA (1759)
E
VILA FLOR (1758)**

CLASS

NUMERO

F. 2

REGISTO

534

BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE NISA

À memória
de meu
Pai



I – Introdução

Este trabalho, agora apresentado, destina-se a divulgar as *Memórias Paroquiais de Amieira e Vila Flor*.

Não tem a pretensão de demonstrar um rigor, destinado a investigadores, mas tão sómente para ser lido de um modo lúdico, com o objectivo de cada leitor poder “sentir” como eram Amieira e Vila Flor nos meados do século XVIII, quer do ponto de vista administrativo, quer geográfico.

Convém esclarecer que uma grande parte destas *Memórias*, se encontra disseminada nesse livro admirável - *Amieira, do antigo Priorado do Crato* - dos ilustres amieirenses Francisco Vieira Rasquilho e Tude Martins de Sousa; todavia, a forma como se dá a público este trabalho, talvez possa ser capaz de atrair mais o leitor, por reproduzir integralmente as ditas *Memórias*, embora com os critérios de transcrição, que mais adiante iremos considerar.

Creemos que a divulgação de temas relacionados com Amieira e Vila Flor, serão elementos muito úteis na elaboração do passado, podendo pelo menos, contribuir para o reforço dos laços, que unem os seus naturais às gerações vindouras e estes possam ter orgulho nos lugares dos seus antepassados.

As *Memórias Paroquiais*, de que agora tratamos, integram-se num conjunto de quarenta e três volumes existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (AN/TT), e constituem as respostas aos interrogatórios, enviados em 1758 em nome do rei D. José I, a todos os bispos e cabidos, para que os párcos de cada jurisdição eclesiástica, enviassem as informações que ali se pediam, “em letra legível e sem abreviaturas”.

Como antecedentes destas *Memórias*, já no século XVI o Padre Carvalho da Costa, havia elaborado a *Corografia Portuguesa, e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal* ... que se terá revelado confusa e incompleta, porque “ a este grande corpo lhe faltavam as veias, e os ossos, que são as serras, as fontes, e os rios tão célebres nas penas dos escritores antigos ”, segundo o Padre Luís Cardoso.

Por sua vez, este em 1732, terá promovido um inquérito onde eram pedidas notícias de todas as povoações portuguesas. Conseguiu ainda editar 2 volumes, do *Diccionario Geografico, ou Noticia de todas as Cidades, Villas, Lugares e Aldeas, Rios, Ribeiras, e Serras dos Reynos de Portugal* ... com as

respostas recebidas, relativas às povoações que começavam pelas letras A, B, C, mas infelizmente com o terramoto de 1755, todas as restantes e preciosas informações, desapareceram.

Com objectivos administrativos, e tentando apurar os estragos causados pelo terramoto, em Janeiro de 1758, a Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e o Padre Luis Cardoso elaboram novo inquérito, já devidamente adaptado ao cataclismo ocorrido, tendo-se chegado às *Memórias Paroquiais*. Estas compreendiam três interrogatórios: o primeiro das terras, o segundo das serras e o terceiro dos rios.

A forma como foram recebidas as respostas, dos párocos de Amieira e Vila Flor, respeitou a numeração atribuída a cada pergunta.

A Congregação do Oratório, a que o Padre Luís Cardoso pertencia, compilou as respostas aos interrogatórios em quarenta e dois volumes, mais um de índice, ordenados alfabeticamente, que actualmente se acham no AN/TT, onde podem ser consultados.

Atendendo que com a edição destas *Memórias Paroquiais*, se pretende atingir o maior número de leitores, os critérios de transcrição foram os seguintes:

- 1) Actualizada a ortografia, a pontuação e a acentuação.
- 2) Uniformizado o uso de maiúsculas, usando uma escrita actual.
- 3) Abertura de parágrafos, quando os períodos eram muito longos.
- 4) Emprego de (?) nas dúvidas de leitura.
- 5) Introdução de glossário (*) , no final, para tornar mais claro alguns termos.

II - Interrogatórios enviados aos Párocos depois do Terremoto de 1755

O que se procura saber dessa terra é o seguinte:

Amieira (A) - Relação do que se procura saber desta vila de Amieira do Grão Priorado do Crato, a respeito dos interrogatórios, que por ordem de Sua Majestade o Fidelíssimo Rei, o Senhor D. José I, me foram remetidos pelo Reverendíssimo Doutor Joaquim Nunes da Silveira, neste ano de mil setecentos e cinquenta e nove.

Vila Flor (VF) - Relação do que se procura saber desta Vila Flor do bispado e cidade de Portalegre, pelos interrogatórios, que por ordem de Sua Majestade Fidelíssima, o Senhor Rei D. José I, (que Deus guarde), me remeteu o Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo de Portalegre, neste ano de 1758.

1 - Em que província fica, a que bispado, comarca, termo, e freguesia pertence ?

A - Esta vila de Amieira fica na província do Alentejo, pertence ao Grão Priorado do Crato, de que é cabeça a vila do Crato.

VF - Esta Vila Flor fica na província do Alentejo, pertence ao bispado e comarca de Portalegre, e tem termo seu.

2 - Se é de del-rei, ou de donatário, e quem o é ao presente ?

A - É esta vila da veneranda religião de Malta, como todas as mais do dito Priorado, de que ao presente é Grão Prior, o Senhor D. Pedro, Infante de Portugal.

VF - Esta vila ao presente é de Sua Majestade Fidelíssima, sem embargo de haver tradição, que antigamente fora dos Condes de Vila Flor.

3 - Quantos vizinhos tem (e o número das pessoas) ?

A - Consta esta vila de presente, de duzentos e cinquenta vizinhos, que contém em si o numero de oitocentas oitenta e sete pessoas, a saber: de

confissão e comunhão, seiscentas trinta e oito; de confissão somente, cento e duas, e de meninos que ainda não se confessam, cento quarenta e sete.

VF - Tem esta vila trinta e oito pessoas, digo, trinta e oito vizinhos, que compreende o número de cento e trinta pessoas, maiores e menores.

4 - Se está situada em campina, vale, ou monte, e que povoações se descobrem dela, e quanto dista ?

A - Está esta vila situada em uma meia costa, sendo seus circuitos* montes e outeiros de pouca eminência, que tem seu princípio pela parte do nascente, em a sumptuosa e nova Igreja do Calvário, e tem fim pela parte do poente, em a ribeira chamada da Maia, que corre do sul para o norte junto desta vila, aonde dentro do seu termo, entra no rio Tejo. Descubrem-se desta vila as seguintes: a de Vila Flor, em distância de meio quarto de légua, a do Gavião, em distância de duas léguas, e muitos lugares povoados dos termos das vilas de Belver e Envendos, e algumas povoações do termo de Vila Velha de Rodão, em distância de três léguas.

VF - Está esta vila situada em fundo de uma pequena ladeira, sendo seus circuitos de terras com muitos olivais, alguns existem em planície outros em algumas ladeiras de pouca eminência, e se descobrem dela a vila dos Envendos, em distância de duas léguas, e alguns lugares do termo de Vila Velha de Rodão, em distância de uma légua.

5 - Se tem termo seu, que lugares, ou aldeias compreende, como se chamam, e quantos vizinhos tem ?

A - Tem esta vila termo seu, de comprimento de uma légua do nascente para o poente, e de largo do norte para o sul duas léguas, que tem seu princípio em o rio Tejo, e findam em a ribeira do Sor, junto à vila de Tolosa. No tempo presente, só tem um casal chamado, o Bioco, em que habita um só morador, sendo que há poucos anos era habitado de seis moradores, e também teve esta vila pelo seu termo muitos moradores, em casas que hoje se acham demolidas.

VF - Tem esta vila termo seu, em o qual só se acha um lugar chamado, Albarrol, que contém em si dez vizinhos, com o número de trinta pessoas, maiores e menores.

6 - Se a paróquia está fora do lugar, ou dentro dele, e quantos lugares, ou aldeias tem a freguesia, todos pelos seus nomes ?

A - A paróquia desta vila está dentro dela, e não tem mais lugares do que o declarado no quinto ponto acima.

VF - A paróquia desta vila está dentro dela.

7 - Qual é o seu orago*, quantos altares tem, e de que santos, quantas naves tem; se tem irmandades, quantas e de que santos ?

A - O orago desta Matriz é o glorioso apóstolo, o Senhor Santiago Maior. Tem seis altares a saber: o altar-mor, em que está o Tabernáculo do Santíssimo Sacramento e a imagem do mesmo orago; o altar de Nossa Senhora do Rosário, que este povo venera com especial devoção; o altar do Santo Cristo, que é capela* particular com rendas cominadas* para a sua fábrica*; o altar de São João Baptista, que também é capela particular com rendas para a sua fábrica; o altar das Almas Santas e o altar de Nossa Senhora da Graça. Tem a dita igreja três naves. As irmandades que existem dentro dela são cinco, a saber: a do Santíssimo Sacramento a que está anexa a das Quarenta Horas, a de Nossa Senhora do Rosário, a de Nossa Senhora da Graça, a das Almas, a do apóstolo São Pedro, *ad vincula*, administrada pelo clero desta vila. E fora da paróquia tem a irmandade de Santo António na sua casa fora dos muros, que consta do numero de cem irmãos e na igreja do Calvário também fora dos muros, tem a irmandade dos Santos Passos do Senhor Jesus.

VF - O orago desta paróquia é o glorioso apóstolo Santo Bartolomeu. Tem três altares, scilicet* : o altar-mor, com sua capela em que está o Tabernáculo do Santíssimo Sacramento, e dois colaterais, um da imagem da Virgem Santíssima do Rosário, o outro das Almas Santas. Não tem naves, e as irmandades que nela existem são três, a saber: a do Santíssimo Sacramento, a da Senhora do Rosário, e a das Almas.

8 - Se o pároco é cura, vigário, ou reitor, ou prior ou abade, e de que apresentação é, e que renda tem ?

A - É a dita Matriz, vigairaria*, e de presente é indigno vigário dela o padre João Ferreira da Rocha, que também é vigário da vara* nesta vila e seu distrito, com escrivão e meirinho* separados para esta jurisdição, a que antigamente estavam sujeitas as vilas de Envendos e Belver e a freguesia de Aldeia do Mato, no termo da vila de Abrantes. É a dita vigairaria de apresentação* do Senhor Grão Prior, deste Priorado do Crato. Tem o vigário, como pároco da igreja, de renda anualmente, três moios* de trigo, moio e meio de centeio, trinta e seis almudes* de vinho à bica, oito alqueires* de azeite e dez mil e quinhentos réis em dinheiro.

VF - O pároco desta igreja é vigário, apresentado por Sua Majestade, que Deus guarde, pelo seu tribunal da Mesa da Consciência*.

Tem de renda anual, moio e meio de trigo, mais seis alqueires para hóstias, moio e meio de centeio, seis almudes de vinho cozido ou sete em mosto, vinte mil réis em dinheiro, e quarenta e oito arráteis* de cera fina lavrada, da qual se gasta a necessária nas funções de igreja, e as sobras ficam para o mesmo pároco.

9 - Se tem beneficiados, quantos, e que rendas tem , e quem os apresenta?

A - Há na dita igreja, dois beneficiados* e um tesoureiro e cada um daqueles tem, de renda anual, dois moios de trigo e um de centeio, vinte e oito almudes de vinho à bica e cinco alqueires de azeite; este, um moio de trigo, e vinte e cinco almudes de vinho à bica, dois mil cento e cinquenta réis em dinheiro e tudo apresenta o mesmo Senhor Grão Prior deste Priorado.

VF - Não tem esta igreja beneficiado, cura nem tesoureiro.

10 - Se tem conventos, e de que religiosos, ou religiosas, e quem são os seus padroeiros ?

A - Não tem esta vila convento algum, de religiosos ou religiosas.

VF - Não tem esta vila convento algum, de religiosos ou religiosas.

11 - Se tem hospital, quem o administra, e que renda tem ?

A - Tem esta vila, hospital, para acomodação dos pobres estrangeiros e da terra, que administra o provedor da misericórdia desta vila, o qual hospital

não tem rendas próprias e só a dita casa da misericórdia, tem obrigação de o reparar, e ter nele três camas para os pobres, pelas rendas da fazenda da capela de Nossa Senhora da Sanguinheira, de que o Senhor Rei D. João IV, lhe fez mercê, no ano de mil seiscentos quarenta e dois, com esta e outras obrigações, que tinha a dita capela.

VF - Não tem esta vila, hospital.

12 - Se tem casa de misericórdia, e qual foi a sua origem, e que renda tem; e o que houver de notável em qualquer destas cousas ?

A - Tem esta vila casa e igreja da Misericórdia, que por antiquíssima, se não sabe da sua origem e a sua renda, rende, uns anos por outros, será de cem mil réis, produto das fazendas que os fiéis lhe deixaram com algumas obrigações e produtos, também da referida capela de Nossa Senhora da Sanguinheira.

VF - Também não tem esta vila casa da misericórdia, e na tumba que compram os moradores, levam uns a outros a sepultar, por caridade.

13 - Se tem algumas ermidas, e de que santos, e se estão dentro, ou fora do lugar, e a quem pertencem ?

A - Há nesta vila e seus circuitos, catorze ermidas, das quais existem cinco dentro da vila e nove fora. As quais existem dentro, são as seguintes: a da Misericórdia, de que acima se trata; a do glorioso São João Baptista, que está dentro dos muros do castelo, de cujo paço era oratório e pertence o reparo dela ao alcaide-mor desta vila, que de presente o é, o Conde de Aveiro D. Duarte e há poucos tempos a mandou reparar e é a dita imagem, antiquíssima e de pedra, com maravilhosa escultura e há tradição foi colocada na dita ermida pelo Senhor D. Álvaro Gonçalves Pereira, Grão Prior do Crato, que fundou o dito castelo, e a mesma imagem sempre a venerou e venera este povo com especial devoção; a ermida de Nossa Senhora da Assunção, anexa à confraria do Santíssimo Sacramento, que está obrigada ao ornato e reparo dela como administradora das fazendas, que à dita ermida deixou com obrigação de missas, em título de capela, uma Maria da Fonseca; a ermida do Senhor da Cruz, a que vinculou* muitas fazendas, em título de morgado*, o Reverendo Padre André Afonso de Almeida desta vila, com a pensão de

missas em domingos e dias santos do ano. Reparo e ornato da mesma capela, satisfazem os administradores dela; a ermida do Divino Espírito Santo, que se compõem de capela e altar-mor e dois altares colaterais, do reparo da qual está obrigada a fazenda da capela de Nossa Senhora da Sanguinheira, anexa à casa da misericórdia. As nove, que existem fora da vila são as seguintes: a da milagrosa imagem de Nossa Senhora da Sanguinheira, com capela e altar-mor e dois altares colaterais, em um dos quais, está a prodigiosa imagem de São Caetano, especial advogado contra as sezões*; a ermida do glorioso apóstolo Santo André e a do Senhor Salvador do Mundo, ao reparo e ornato das quais está também obrigada, como a do Divino Espírito Santo, a casa de misericórdia como administradora da capela de Nossa Senhora da Sanguinheira; a ermida do apóstolo São Pedro; a de São João Evangelista; a do apóstolo São Simão, que todas três erigiu antigamente a devoção dos fiéis, sem que tenham mais fábrica que as esmolas dos mesmos fiéis; das quais, no tempo presente se acha totalmente demolidas as duas ultimas, que se pretendem reedificar; a ermida do glorioso mártir Santo Sebastião, que é da Provisão Real, sem fábrica alguma, motivo porque o reparo dela corre por conta dos oficiais da Câmara desta vila, pelas rendas do concelho dela; a ermida do glorioso Santo António, a cujo reparo e ornato é obrigada a sua irmandade; a igreja e sumptuoso templo do Calvário, que pelos seus bens e rendas mandou, depois de arruinada a igreja velha, fazer de novo Pedro Vaz Caldeira, sargento-mor que foi nesta vila, instituindo ao Senhor Jesus Cristo, universal herdeiro deles, com obrigação do reparo e ornato da dita igreja, missa quotidiana nela e alguns legados pios*, ordenando que os reverendos, vigários e beneficiados desta Matriz com o administrador dos ditos bens, possam eleger o capelão para a dita missa quotidiana, dando outrossim faculdade aos administradores para, por sua morte, nomearem a dita administração em pessoa benemérita.

VF - Tem esta vila dentro em si, a ermida do Divino Espírito Santo, cujo reparo corre por conta da irmandade das Almas. Em seu termo tem: a ermida de Nossa Senhora da Flor, a cujo reparo e ornato é obrigada a confraria de Nossa Senhora do Rosário; a ermida do glorioso patriarca Santo Domingos, ao reparo da qual está obrigada a confraria do Santíssimo Sacramento, e em

monte de Albarrol, a ermida do glorioso Santo António, cujo reparo e ornato corre por conta dos fiéis deste povo, o dito monte.

14 - Se acode a elas romagem, sempre, ou em alguns dias do ano, e quais são estes ?

A - Concorrem em todo o decurso do ano, a venerar a milagrosa imagem de Nossa Senhora da Sanguinheira, em romarias e novenas, muitas pessoas assim desta vila, como de fora dela, a dar-lhe graças pelos admiráveis benefícios que recebem pela sua intercessão, especialmente as mulheres de parto; à prodigiosa imagem do Senhor Salvador do Mundo, concorrem continuamente os moradores deste povo, a oferecer-se e pedir remédio em suas necessidades, com especialidade no termo da Quaresma, no dia de sua gloriosa Ascensão; à ermida do Senhor da Cruz, concorrem da mesma forma os fiéis desta vila, em novenas com muita frequência, a pedir o remédio e alívio das suas queixas.

VF - À imagem de Nossa Senhora da Flor, concorrem por todo o ano em romagem, muitas pessoas de fora, e as desta vila a veneram com especial devoção pelos benefícios que recebem, quando imploram o seu patrocínio. Também as imagens de Santo Bartolomeu, orago da paróquia, Santo Gregório existente na mesma, o patriarca Santo Domingos, e ao glorioso Santo António, concorrem, nos seus dias, muitas pessoas em romagem.

15 - Quais são os frutos da terra, que os moradores recolhem em maior abundância ?

A - Os frutos que os moradores desta vila recolhe em maior abundância são : azeites, vinhos, trigos e centeios em mediana porção, muitas frutas pela abundância de pomares, em que há muitas águas e fontes nativas*, além de cinco principais, que há no circuito desta vila para serventia do povo.

VF - Os frutos que os moradores desta vila recolhem em maior abundância são: pão, azeite, vinho e algumas frutas dos pomares dela.

16 - Se tem juiz ordinário, &c., e câmara, ou se está sujeita ao governo das justiças de outra terra, e qual é esta ?

A - Tem esta vila dois juizes* ordinários, dois vereadores* e um procurador* do concelho, com escrivão da câmara, e não está sujeita ao governo das justiças de outra terra; tem mais dois escrivães do judicial que também servem de notas, escrivão das sisas, alcaide, e porteiro*, este serve em todas as jurisdições que há nesta mesma vila; tem também juiz dos órfãos, separado com seu escrivão, a cuja jurisdição é anexa a vila de Tolosa, deste Priorado; há mais nesta vila, capitão-mor*, sargento-mor*, e dois capitães das ordenanças; e todos os referidos cargos e ocupações são dadas do Senhor Grão Prior do Crato.

VF - Tem esta vila dois juizes ordinários, dois vereadores e um procurador do concelho, que constituem câmara, e não está sujeita às justiças de outra terra.

17 - Se é couto*, cabeça de concelho, honra*, ou behetria* ?

A - Não é esta vila couto, honra ou behetria; porém, tem almoxarife* e juiz do direitos reais, com seu escrivão, que é data (?) do mesmo Grão Prior do Crato, e é cabeça do almoxarifado, a cuja jurisdição estão sujeitas as vilas dos Envendos, Carvoeiro, Belver, Gavião e Tolosa, todas deste Priorado e Aldeia do Mato, do termo da vila de Abrantes.

VF - Não é esta vila couto, cabeça de outro concelho, honra, ou behetria.

18 - Se há memória, de que florescessem, ou dela saíssem alguns homens insignes por virtudes, letras ou armas ?

A - Há memória certa e constante, que dos naturais desta vila floresceram e saíram dela, por homens insignes em virtudes, letras e armas, os seguintes: Fr. Domingos d'Amieira, que foi provincial duas vezes na religião dos Capuchos, da província da Piedade; Fr. Manuel Barreiros, que também foi uma vez provincial, na mesma religião; Fr. Manuel de Deus, missionário do Varatojo, bem conhecido neste reino pelas suas letras e virtudes, em que também os dois sobreditos floresceram. Em letras: Diogo Marchão Temudo, o Velho, que serviu a Sua Majestade nos lugares e judicaturas deste reino; seus filhos, António Marchão Temudo, que foi desembargador do senado da câmara, da corte da cidade de Lisboa, Diogo Marchão Temudo, que faleceu desembargador do paço, sendo naquele tempo sujeito de preclara literatura;

Miguel Pereira da Silva, que segundo a tradição, faleceu também desembargador do paço; o doutor Alexandre de Matos Pereira, que foi juiz de fora no Maranhão. Em armas: Filipe Correia, seu filho Miguel Metelo, seu neto Paulo Metelo, digo, Paio Metelo Correia e seu bisneto Luís Manso de Sousa, este foi de moço da câmara e aqueles três, cavaleiros fidalgos e António Correia de Bulhões, da mesma geração, cujos Correias são da mesma família de Correias Lacerdas, fidalgos, que ainda hoje florescem na cidade de Lisboa, capital do reino; Miguel Metelo de Albuquerque, que foi sargento-mor e governador da cidade de Portalegre; Jerónimo Falcão de Brito Lampreia, que foi capitão-mor desta vila de Amieira, terceiro neto do dito Filipe Correia; João Vieira Feio, cavaleiro professo do hábito de Cristo, que foi sargento-mor de infantaria, militando em África e nos estados do Brasil, abstendo-se (?) para esta vila de Amieira, foi para capitão-mor; Sebastião de Matos Pereira, que foi capitão de infantaria, e depois sargento-mor, desta dita vila; o capitão Pedro Fernandes Godinho, cavaleiro fidalgo, que militando nos Brasis, serviu lá de provedor dos defuntos e ausentes.

VF - Não há memória, que desta vila florescesse ou dela saíssem homens insignes, por virtudes, letras ou armas.

19 – Se tem feira, e em que dias, e quantos dura, se é franca ou cativa ?

A - Nesta vila houve feira, que se fazia no dia vinte nove de Agosto, a qual há poucos anos se extinguiu.

VF - Não tem esta vila feira, em tempo algum do ano.

20 – Se tem correio, e em que dias da semana chega, e parte; e, se o não tem, de que correio se serve, e quanto dista a terra onde ele chega ?

A - Não tem esta vila correio, e só serve pelo correio da cidade de Portalegre, que dista desta sete léguas.

VF - Não tem correio, e se serve do estafeta da vila de Nisa, que dista desta duas léguas, para enviar as cartas ao correio da cidade de Portalegre, que dista desta vila sete léguas.

21 – Quanto dista da cidade capital do bispado, e quanto de Lisboa, capital do reino ?

A - Não tem este Priorado, cidade capital, e só é a sua cabeça a vila do Crato, que dista desta quatro léguas, e da corte de Lisboa, capital do reino, dista trinta léguas.

VF - Dista esta vila da cidade capital do bispado, sete léguas e da corte de Lisboa, capital do reino, trinta.

22 – Se tem algum privilégio, antiguidades, ou outras cousas dignas de memória ?

A - Não consta que esta vila tenha especiais privilégios e antiguidades, mais do que forem as águas dela e seu termo, livres de conhecença* ou tributos algum, privilégio que não tem as mais do Priorado e, juntamente, tem esta vila o privilégio, por provisão régia, de ir a sua justiça com varas* alçadas e o seu pároco com estola*, todos os anos em procissão, a Nossa Senhora da Redonda ao termo da vila de Alpalhão, passando assim por todas as vilas que medeiam, sem que as justiças delas, os possam impedir.

VF - Não há memória tenha esta vila privilégios ou antiguidades algumas, que se descrevam.

23 - Se há na terra, ou perto dela alguma fonte, ou lagoa célebre, e se as suas águas tem alguma qualidade especial ?

A - Não há nesta vila, fonte ou lagoa alguma de águas especiais em qualidade, e só as do rio Tejo tem muito especial virtudes, para curar várias enfermidades aos enfermos, que a elas vão tomar banhos.

VF - Está tão somente no termo desta vila, junto à ribeira de Figueiró, um olho de água que nasce de um penhasco, em o qual penhasco se cria uma erva chamada Cacta (?), singular e milagrosa, para os achaques que procedem do fígado, e não há outra de especial qualidade.

24 - Se for porto de mar, descreva-se o sitio que tem por arte, ou por natureza, as embarcações que o frequentam, e que pode admitir.

A - Não tem esta vila porto do mar, a que cheguem embarcações de alto bordo; porém, no rio Tejo, que corre distante desta vila um quarto de légua, há um grandioso porto, em que existem continuamente duas barcas, que são desta vila e pertencem à alcaidaria-mor* dela, nas quais por privilégio antiquíssimo, têm os moradores da mesma, a passagem livre, e pelo espaçoso e sossegado pego* em que navegam, é o melhor porto e mais seguro que há no dito rio, da vila de Abrantes para cima, sem que haja memória, que nas ditas barcas houvesse infortúnio algum, o que muito especialmente atribuem os moradores desta vila, a milagre que faz a Rainha Santa Isabel, por ter no dito porto passado o seu santo corpo, quando da vila de Estremoz foi sepultar à cidade de Coimbra. E, pelo dito rio, costumam navegar desde a cidade de Lisboa até às entradas do reino de Castela, algumas pequenas embarcações, como batéis e bateiras, trazendo e levando alguns géneros de fazendas, o que no presente tempo, se vê praticado.

VF - Não tem esta vila porto de mar.

25 - Se a terra for murada, diga-se a qualidade de seus muros: se for praça de armas, descreva-se a sua fortificação. Se há nela ou no seu distrito algum castelo, ou torre antiga, e em que estado se acha ao presente.

A - Não é esta vila murada nem praça de armas, sendo que em tempo de guerra foi entrincheirada. Porém, há nela um majestoso castelo, que consta de quatro torres e com seus altos e grossos muros, que se comunicam de umas para outras, cercado de roda com sua barbacã* entulhada, dentro do qual está situada a ermida do glorioso São João Baptista, e na dita barbacã haveria árvores de fruto, e em toda esta obra, só há de presente, o defeito das quatro torres não terem já sobrados nem telhados, e a sala principal entre as duas primeiras torres está arruinada. Dentro do dito castelo, se acha um grande pátio, com uma cisterna por baixo do mesmo. Todo este castelo e palácio magnífico, hoje arruinado, foi mandado edificar pelo sereníssimo Senhor D. Álvaro, Grão Prior que foi deste Priorado do Crato, ilustre tronco da sempre augusta e régia casa de Bragança.

VF - Não é esta vila praça de armas, nem murada, e nela e seu termo, não há fortificação ou castelo algum.

26 - Se padeceu alguma ruína no terramoto de 1755, e em que, e se está reparada ?

A - Não padeceu, esta vila, ruína alguma no terramoto, do primeiro dia do mês de Novembro de mil setecentos cinquenta e cinco, sem embargo, ser muito sensível na dita vila.

VF - Não padeceu, esta vila, ruína alguma no terramoto do primeiro de Novembro de 1755.

27 - E tudo o mais que houver digno de memória, de que não faça menção o presente interrogatório.

A - Não há coisa mais alguma digna de memória, que se possa descrever no presente interrogatório.

II

O que se procura saber dessa serra, é o seguinte:

1 - Como se chama ?

2 - Quantas léguas tem de comprimento, e quantas de largura; onde principia, e onde acaba ?

3 - Os nomes dos principais braços dela ?

4 - Que rios nascem dentro do seu sítio, e algumas propriedades mais notáveis deles; as partes para onde correm, e aonde fenecem ?

5 - Que vilas, e lugares estão assim na terra, como ao longo dela ?

6 - Se há no seu distrito algumas fontes de propriedades raras ?

7 - Se há na terra minas de metais, ou canteiras de pedras, ou de outros materiais de estimação ?

8 - De que plantas, ou ervas medicinais é a terra povoada, e se se cultiva em algumas partes, e de que géneros de frutos é mais abundante?

9 - Se há na terra alguns mosteiros, igrejas de romagem, ou imagens milagrosas ?

10 - A qualidade do seu temperamento ?

11 - Se há nela criações de gados, ou de outros animais, ou caça ?

12 - Se tem alguma lagoa, ou sojos notáveis ?

13 - E tudo o mais que houver digno de memória

A - E pelo que respeita ao segundo tratado, das serras, não há que dizer, por não as haver nesta vila e seu termo.

VF - Pelo que respeita ao segundo interrogatório, que trata de serra, não há que dizer, por não a haver nesta vila e seu termo.

III

O que se procura saber do rio dessa terra, é o seguinte:

1 - Como se chama, assim o rio, como o sítio onde nasce ?

A - O rio Tejo, corre em distância de um quarto de légua desta vila, que divide o termo dela, com o da vila dos Envendos. A sua corrente vai regando as margens deste termo em distância de uma légua, consta ter este rio seu princípio e nascimento nas manchas de Aragão, reino de Castela.

VF - Em distância de meia légua desta vila, corre o celebrado rio Tejo, que nas faldas e termo da mesma e espaço de meia légua; e há notícias, tem seu nascimento em as manchas de Aragão.

2 - Se nasce logo caudaloso, e se corre todo o ano ?

A - Este rio, segundo as correntes de suas águas, parece, nasce logo caudaloso porque todo o ano corre com abundância de água.

VF - Corre este rio nas partes deste reino, caudaloso todo o ano.

3 - Que outros rios entram nele, e em que sítio ?

A - Entram neste rio e no termo desta vila duas caudalosas ribeiras, uma a que se dá o nome de Figueiró, outra a de Alferreireira Grande e também a ribeira da Maia, de que já se tratou, e tem principio no termo desta vila.

VF - Entra neste rio em o termo desta vila, a ribeira de Figueiró, que no tempo vernal* é caudaloso.

4 - Se é navegável, e de que embarcações é capaz ?

A - Não há mais que dizer do que está declarado no ponto vinte e quatro, do primeiro tratado.

VF - O rio Tejo, é navegável de embarcações pequenas, mas não das de alto bordo, ainda que, em alguns tempos da cidade de Lisboa até o porto de Vila Velha de Rodão, navegam por ele, alguns barcos.

5 - Se é de curso arrebatado, ou quieto, em toda a sua distância, ou em alguma parte dela ?

A - Não é este rio, pelo que respeita a corrente, que tem no termo desta vila de curso muito arrebatado, como o é, em outras partes de suas correntes.

VF - Não corre este rio, pelo que respeita ao termo desta vila, com curso muito arrebatado.

6 - Se corre de norte a sul, se de sul a norte, se de poente a nascente, se de nascente a poente ?

A - Corre este rio do nascente para o poente sempre ao lado desta vila, no que respeita ao seu termo.

VF - Corre este rio do nascente para o poente.

7 - Se cria peixes, e de que espécie são os que traz em maior abundância ?

A - Cria-se em este rio, muitas qualidades de peixes, e em maior abundância muges, barbos, alguns de extraordinária grandeza, sáveis, alguns salmões e muitas bogas.

VF - Cria este rio muitos peixes, e em maior abundância barbos, bogas, sáveis, muges e salmões.

8 - Se há nele pescarias, e em que tempo do ano ?

A - Neste rio, em quanto ao peixe, barbos, bogas, e alguns salmões, por todo o ano se fazem pescarias; sáveis de Janeiro até o São João, muges do primeiro de Setembro até o fim de Outubro, em maior abundância.

VF - Em todo o ano se pescam neste rio barbos, bogas e sáveis de Janeiro até o fim de Maio, e muges de Setembro até o fim de Novembro.

9 - Se as pescarias são livres, ou de algum senhor particular, em todo o rio, ou em alguma parte dele ?

A - Neste rio, pelo respeito ao termo desta vila, são livres as pescarias de todo o peixe, em termos que não pagam dízimos, mais do que dos sáveis, nem outros quaisquer direitos a pessoa alguma; e, tão somente com um caneiro*, que é da religião de Malta, e está logo abaixo do porto das Barcas, desta vila, não pode pessoa alguma pescar muges depois de tapado; e outras emprazadas* a conde de Vale dos Reis, o que também se pratica, em algumas pesqueiras de sáveis, que são de particulares, porém sem pensão alguma de direitos, ficando a pescaria de todo o género de peixe e em qualquer sítio, comum a todos.

VF - No termo desta vila, são as pescarias livres, menos as pesqueiras de sáveis, que só pescam os senhorios delas.

10 - Se se cultivam as suas margens, e se tem muitos arvoredos de fruto, ou silvestres ?

A - As margens deste rio, enquanto corre pelo termo desta vila, em algumas partes se não cultivam, por serem de brenhas e penhascos com muitas árvores silvestres; e em as mais se cultivam com lavouras, em que se semeiam feijões, milho grosso, melões, melancias, algum trigo, centeio e nestas mesmas partes há muitos e frutíferos olivais.

VF - Enquanto ao rio Tejo, corre na distancia de meia légua, no termo desta vila, se cultivam e semeiam de feijões algumas de suas margens, e as mais são de penhascos, e árvores silvestres.

11 - Se tem alguma virtude particular as suas águas ?

A - As águas deste rio Tejo, tem especial virtude para alívio de muitas queixas, nos banhos que nelas se tomam no tempo da canícula, em que a experiência tem mostrado milagrosos efeitos.

VF - Tem particular virtude as águas deste rio, para o alívio de suas queixas, muitos enfermos, tomando banhos especialmente nos meses de Agosto e Setembro.

12 - Se conserva sempre o mesmo nome, ou o começa a ter diferente em algumas partes, e como se chamam estas, ou se há memória de que em outro tempo tivesse outro nome ?

A - Sempre este rio conserva e conservou em todos os tempos, o nome de Tejo.

VF - Sempre este rio conservou o nome de nobilíssimo Tejo, sem memória de outro nome em tempo algum.

13 - Se morre no mar, ou em outro rio, e como se chama este, e o sítio em que entra nele ?

A - Este rio morre no mar, na barra da corte de Lisboa.

VF - Este rio morre na barra do mar, da corte e cidade de Lisboa.

14 - Se tem alguma cachoeira*, represa*, levada*, ou açudes*, que lhe embaracem o ser navegável ?

A - Não tem este rio no termo desta vila, cachoeira alguma, represa ou levada e só tem dois açudes de duas azenhas, que não impedem de ser navegável.

VF - Não tem este rio no termo desta vila, cachoeira, represa, levada ou açudes, que embaracem a navegação.

15 - Se tem pontes de cantaria, ou de pau, quantas, e em que sítio ?

A - Não tem este rio neste termo, ponte de cantaria ou de pau.

VF - Não tem este rio em o termo desta vila, ponte de cantaria ou de pau.

16 - Se tem moinhos, lagares de azeite, pisões*, noras, ou outro algum engenho ?

A - Tem somente este rio, no termo desta vila, duas azenhas e a ribeira de Alfereira, digo de Alferreireira Grande, de que se trata no ponto terceiro, tem muitos engenhos de pisões, moinhos e azenhas, e a ribeira da Maia de que se trata no mesmo ponto corre junto desta vila, tem uma azenha e sete lagares de fazer azeite e há poucos anos teve nove.

VF - Não tem este rio, no termo desta vila, moinhos, lagares de azeite, pisões, noras, ou outro algum engenho, e só na ribeira de Figueiró, que entra nele, há dois moinhos.

17 - Se em algum tempo, ou no presente, se tirou ouro das suas areias ?

A - A este rio costumam vir certos homens a que chamam, gandaeiros*, a tirar das areias de suas margens algum, pouco, ouro ou prata.

VF - Em alguns tempos do ano vem certos homens chamados, gandaeiros, tirar algum ouro, e prata das areias deste rio.

18 - Se os povos usam livremente das suas águas para a cultura dos campos, ou com alguma pensão?

A – Os moradores desta vila, usam livremente e sem pensão alguma das águas deste rio, como das mais no termo desta vila, como se declara no ponto dezasseis deste tratado e no vinte e dois do primeiro tratado.

VF - Podem os moradores desta vila e seu termo, usar das águas deste rio livremente, para a cultura dos campos, sem pensão alguma.

19 – Quantas léguas tem o rio, e as povoações por onde passa, desde o seu nascimento até onde acaba ?

A – Desde o nascimento deste rio, até chegar ao termo desta vila, se não sabe o número das léguas nem das povoações porque passa, por serem muitas e faltar o conhecimento delas. Porém, desta vila até à barra de Lisboa, em que morre e finda, tem a distância de trinta léguas, fazendo seu curso por muitas povoações, que se não reduzem a número por menos conhecimento delas, digo, de algumas delas.

VF - Passa este rio, desde a seu nascimento até entrar na barra do mar em a corte e cidade de Lisboa, por muitas terras, as quais e suas léguas, não se reduzem a número, por menos conhecimento delas.

20 - E qualquer outra coisa notável, que não vá neste interrogatório.

A – Nas margens deste rio, ribeiras e termo desta vila, há inumeráveis ervas medicinais como são: erva mor moira, avenca, eupateia (?), trevo, almeirão, silidónia e muito pau de samagueira e muito pau de aroeira. E não há coisa mais alguma notável que se possa dizer.

VF - É o que se pode dizer e apontar desta Vila Flor, e para constar fiz a presente relação que assinei, em os dois dias de Maio de 1758.

A - O Vigário João Ferreira da Rocha.

VF - O Vigário encomendado André Marques de Carvalho

III – Fontes e Bibliografia

Fontes Manuscritas:

- 1) Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Memórias Paroquiais de Amieira, Vol. 3, Mº 71, pp. 541-557
Memórias Paroquiais de Vila Flor, Vol. 40, Mº 212, pp. 1273-1281

Bibliografia:

- 1) Amieira, do Antigo Priorado do Crato – Francisco Vieira Rasquilho e Tude Martins de Sousa - Tip. Popular, Figueira da Foz, 1936
- 2) O Actual Concelho de Marvão e suas Freguesias nas Memórias Paroquiais – J. Liberata Machado e Sérgio Gorjão – Separata de Ibn Maruán, nº3, 1993
- 3) Chorografia Moderna do Reino de Portugal – João Maria Baptista – Tip. da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1874.
- 4) Grande Dicionário da Língua Portuguesa – António Morais da Silva – 10ª edição – Editorial Confluência.
- 5) Dicionário da Língua Portuguesa – Cândido de Figueiredo – 23ª edição – Bertrand Editora.
- 6) *Arqueólogo Português, Vol 1, Lisboa, 1895, pp. 267-271*



IV – Glossário (*)

(ordenado alfabeticamente)

Açude – construção de pedra ou madeira para represar águas de rio, destinadas a rega ou moagem.

Alcaidaria-mor – o principal dos alcaides,

Almoxarife – administrador de propriedades da Casa Real.

Almudes – medida de capacidade, para líquidos, equivalente a 20 litros.

Alqueire – medida de capacidade, para líquidos (10 L), para secos (15 L).

Apresentação – provimento em algum cargo de fazenda, administração ou justiça.

Aroeira – o mesmo que lentisco.

Arrátel – peso antigo equivalente a 459 gramas.

Barbacã – muro que se constituía por fora das muralhas, e mais baixo que elas.

Behetrias – lugares isentos da sujeição régia, e podendo escolher quem melhor julgassem os podia governar e *fazer-lhes bem*, como denota a palavra que é derivada do castelhano *bien te haria*.

Beneficiado – aquele que tem benefício eclesiástico.

Cachoeira – corrente de água que se despenha formando cachões.

Caneiro – pequeno canal.

Conhecença – prestação que antigamente se pagava aos párocos, por certos rendimentos, em relação aos quais não havia regra para se pagarem dízimos.

Capela – instituição formada com os bens de um ou mais fiéis, cujo rendimento certo revertia a favor do administrador, aplicando-se o restante ao cumprimento dos encargos pios.

Capitão-mor – autoridade militar que até ao princípio do século actual comandava numa cidade ou vila, a milícia chamada ordenanças. Tinha como seu adjunto, o sargento-mor, que o auxiliava no recrutamento, formação, administração etc. das companhias. Ver sargento-mor.

Circuito – limite exterior.

Cominadas – estabelecidas.

Coutos – lugares de asilo e segurança para certos e determinados crimes, privilegiados para esse fim pelos soberanos ou senhores das terras.

Donatário – a pessoa a quem se fez uma doação.

Emprazadas – marcadas prazo a.

Erva-moira – planta, também conhecida por erva-do-bicho (medicinal).

Estola – tira de seda, que se alarga nas extremidades e que os sacerdotes põem aos ombros, entre a alva e a casula, ou por cima da sobrepeliz.

Fábrica – entidade jurídica a que pertencem todos os bens temporais destinados à conservação da igreja e seu recheio, e ao exercício nela dos actos de culto.

Gandaieiros – aquele que anda à gandaia (acto de revolver o lixo com o fim de tirar alguns objectos de valor que estejam à mistura com eles).

Honras – lugares privilegiados, quase sempre solares de famílias nobres e principais.

Juizes – eram dois e exerciam a fiscalização dos costumes e a policia da terra. Julgavam sem apelação nem agravo um certo número de crimes e causas cíveis.

Legado pio – a parte da herança que o testador destina à satisfação dos encargos da sua alma, como a celebração de outros actos de caridade e devoção.

Levada – corrente de água, de ordinário procedente de um rio, e que vai regando campos, ou dando movimento a moinhos, fábricas, etc.

Meirinho – antigo empregado judicial, correspondente ao moderno oficial de diligências.

Mesa da Consciência – tribunal criado por D. João III em 1532 para o auxiliar na resolução de vários casos jurídicos e administrativos, que não competiam aos tribunais de justiça e fazenda, que então havia; casos que no dizer do soberano, "tocavam à obrigação da sua consciência".

Moio – antiga medida de capacidade. 60 alqueires.

Morgado – conjunto de bens vinculados, perpetuamente immobilizados em determinada família, para ela manter para sempre o seu estado e condição. Vinculo, que tendo certo encargo, todo o mais rendimento é do administrador.

Nativa (fonte) – diz-se da água que nasce numa propriedade, ou que não provém de corrente estranha ou de nascente distante.

Orago – santo a que é dedicado um templo ou capela.

Paróquia – território sobre o qual se estende a jurisdição de um padre.

Pego – o ponto mais fundo de um rio, lago, etc.

Pisões – máquinas em que, nas tecelagens, se aperta e bate o pano, para o tornar mais consistente e tapado.

Porteiro – apregoava os bens nos leilões e almoelas judiciais.

Procurador – fazia, às vezes, de tesoureiro nas terras onde o não havia e tratava de sustentar perante as justiças de el-rei, as causas em que o concelho era interessado.

Represa – água represada, para usos industriais ou agrícolas.

Sargento-mor – dependia do Capitão-mor. Nota: cada unidade teria um capitão de companhia, um alferes e um sargento. Acima, coordenando um território, que tende a aproximar-se de um concelho, estava um capitão-mor, auxiliado por um sargento-mor.

Sezões – febres intermitentes ou periódicas.

Scilicet – a saber.

Termo – limite (no espaço).

Vara – antiga insígnia de juizes e vereadores a qual consistia num pau roliço e alto, sendo a dos juizes branca com as armas da nação pintadas no alto e a dos vereadores vermelha e com as armas do município.

Vereadores – administravam os bens do concelho; faziam posturas, tratavam das obras públicas, estabeleciam padeiros, carniceiros, etc., e julgavam com os juizes determinado número de causas. Eram três.

Vernal – relativo à primavera.

Vigairaria – povoação pastoreada por um vigário (vigairo).

Vigário da vara – sacerdote escolhido entre os párcos, que o bispo coloca à frente dos distritos.

Vinculo – conjunto de certos bens inalienáveis, que se transmitiam indivisivelmente.

Sabido do que se procura
 saber desta Villa de Amieira do Gram. Priorado
 do Crato a respeito das interrogatorias que por
 ordem de Sua Magestade Catholissima Rey
 o Senhor Dom Dize Primeiro Meorão
 Vemto das yndias Reverendissimo Doutor Joaz
 Nunes das yndias Neste Anno. D. mil secentos e
 Cinquenta e Nove.

Interrogatorio
 Interrogatorio
 Interrogatorio

Esta Villa de Amieira fica Na Provincia
 do Alentejo pertence ao Gram. Priorado do Crato
 e que he Cabeça e Villa do Crato.

2.
 He esta Villa de Amieira de legião de
 Alentejo, como das outras do dito Priorado e que
 se pertence ao Gram. Priorado e he do Senhor Dom Dize Pri-
 meiro Meorão das yndias.

3.
 Conta esta Villa de Amieira de legião de
 Alentejo e que pertence ao Gram. Priorado e que
 se pertence ao Gram. Priorado e he do Senhor Dom Dize Pri-
 meiro Meorão das yndias.



CÂMARA MUNICIPAL DE NISA

INFORMAÇÃO/PROPOSTA Nº 18/98

SERVICO: DSC/SBC

DATA 98.11.16

PROCESSO: 2.1.7

PARECER:

É sempre de louvar e acentuar todos os trabalhos de pesquisa e investigação sobre o concelho.

No entanto, não podemos deixar de exigir validade pelo que se

trouza necessário consultar

técnicos especialistas e a

ASSUNTO: EDIÇÃO DE PUBLICAÇÕES

DESPACHO

...

18.11.98
Guehen

No passado dia 5 de Novembro, deslocou-se à Biblioteca Municipal o senhor António Manuel Farinha Sena, com o intuito de dar a conhecer uma eventual publicação, resultado das suas pesquisas na Torre do Tombo, acerca de Amieira do Tejo e Vila Flor.

A publicação em causa intitula-se Memórias Paroquiais de Amieira (1759) e Vila Flor (1758) e como diz o autor tem «...objectivo de cada leitor poder "sentir" como eram Amieira e Vila Flor nos Meados do século XVIII...».

Trata-se sem dúvida de uma obra histórica que poderá contribuir para o conhecimento mais completo da história daquelas localidades, que o seu autor pretende complementar com a inclusão de algumas fotografias e reproduções das Memórias Paroquiais.

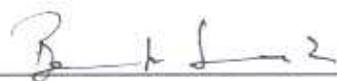
No entanto, em termos de publicação, pela análise estritamente técnica impõe-se que se faça o seguinte reparo:

- É necessário e imprescindível a inclusão de referências à Bibliografia consultada, bem como ao índice da obra.

Importa ainda referir que esta pretensão deverá ser analisada por técnicos abalisados para o efeito tendo em vista verificar o seu conteúdo.

Caso esta obra tenha o acordo da Autarquia, poderá a mesma ser incluída no Plano de Actividades de 1999, podendo ser solicitado o apoio da Delegação regional de Cultura do Alentejo e ainda da Junta de Freguesia de Amieira do Tejo.

O Responsável pela Biblioteca Municipal



(Bento José Sabino Semedo)